

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
ÓRGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

psi

0,75

NÚMERO ESPECIAL DEDICADO A D. W. WINNICOTT

Donald W Winnicott A.

CARTA DE WINNICOTT A MELANIE KLEIN

17 de novembro de 1952

Cara Melanie Klein,

Quero lhe escrever sobre a reunião de sexta-feira passada à noite*, para tentar fazer com que [aquele encontro] se torne algo construtivo.

A primeira coisa que quero dizer é que posso perceber o quanto é incômodo que eu queira exprimir em minha própria linguagem algo que se elucide em mim a partir de meu próprio desenvolvimento ou de minha experiência analítica. Isso é incômodo porque imagino que todos queiram fazer o mesmo, e um dos objetivos numa Sociedade Científica é encontrar uma linguagem comum. Essa linguagem, no entanto, deve ser mantida viva, visto que não há nada pior que uma linguagem morta.

Disse que o que estou fazendo é incômodo, mas também penso que tem seu lado bom. Em primeiro lugar, não há na Sociedade muitas pessoas criativas produzindo idéias criativas. Acredito que qualquer pessoa com idéias é realmente bem-vinda, e sempre sinto que sou tolerado na Sociedade porque tenho idéias, muito embora o meu método seja perturbador.

Em segundo lugar, sinto que, paralelamente ao meu desejo de dizer as coisas da minha maneira, existe da parte de teu grupo uma necessidade de reafirmar todas as coisas nos teus próprios termos.

O que sem dúvida eu esperava na sexta-feira era que houvesse da parte de vocês algum movimento da natureza do gesto que adoto aqui. É um gesto criativo e não posso estabelecer nenhuma relação através dele, a não ser que alguém venha de encontro a ele. Acho que eu estava querendo algo que não tenho o direito de esperar do teu grupo, algo da natureza de um ato terapêutico, que não pude obter de nenhuma das minhas duas longas análises, embora tenha obtido tantas outras coisas. Não há dúvidas de que minha crítica a Joan Rivière** não era apenas uma crítica direta, baseada na observação objetiva, mas era também colorida pelo fato de que foi exatamente nesse ponto que a análise dela falhou comigo.

Pessoalmente penso que é muito importante que o teu trabalho seja reafirmado por pessoas que façam suas próprias descobertas e as apresentem numa linguagem própria. É somente dessa forma que a linguagem se manterá viva. Se vocês estipularem que no futuro somente tua linguagem venha a ser utilizada para o relato das descobertas de outras pessoas, então essa linguagem

* Reunião da Sociedade Britânica de Psicanálise, onde Winnicott leu seu trabalho, "Anxiety Associated with Insecurity".

** Winnicott fizera análise com James Strachey e com Joan Rivière. O motivo da crítica será explicado mais adiante e na nota seguinte.

* A frase "infeliz", que consta na introdução escrita por Joan Rivière para o livro de Melanie Klein e outros, *Progressos da Psicanálise* (Londres, Hogarth Press, 1952) é a seguinte: "[Melanie Klein] de fato produziu algo novo na Psicanálise: isto é, uma teoria integrada que dá conta, embora que ainda em linhas gerais, de todas as manifestações psíquicas, normais e patológicas, do nascimento até a morte, não deixando nenhum abismo sem pontes e nenhum fenômeno importante sem uma relação inteligível com o resto".

se tornará uma linguagem morta, o que já aconteceu na Sociedade. Você se surpreenderia com os suspiros e gemidos que acompanham cada reafirmação dos clichês do "objeto interno" feita por aqueles que passarei a chamar de kleinianos. Naturalmente as tuas próprias afirmações são de uma categoria completamente diferente, já que se trata de um trabalho que é teu, próprio e particular, e todos se sentem satisfeitos de que você tenha tua própria forma de colocá-las. O pior exemplo talvez tenha sido o artigo de C., no qual ele simplesmente junta um monte de coisas dentre as que passaram a ser conhecidas como kleinianas, dando a impressão de não ter considerado os processos específicos do paciente. Tinha-se a sensação de que, se ele estivesse cultivando um narciso, pensaria que estava produzindo um narciso a partir de um bulbo, em vez de permitir que o bulbo se desenvolvesse num narciso por meio de uma alimentação suficientemente boa.

Você verá que estou preocupado com algo que considero muito mais importante do que meu artigo. Estou preocupado com essa organização que pode ser chamada de kleiniana, o que acredito ser um perigo real para a difusão do teu trabalho. Tuas idéias só irão perdurar na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais, dentro ou fora do movimento analítico. É claro que é importante para você ter um grupo no qual possa se sentir à vontade. Todo pensador original precisa de um círculo no qual possa encontrar um lugar de repouso, longe das controvérsias, e no qual se sinta confortável. O perigo, no entanto, é que esse círculo desenvolva um sistema baseado na defesa dos pontos de vista do pensador original - você, nesse caso. Acredito que Freud viu o perigo de isso ocorrer. Você é a única pessoa que pode destruir, com um objetivo construtivo, essa linguagem chamada de *doutrina kleiniana* e *kleinianismo*. Se você não a destruir, então esse fenômeno artificialmente "integrado" deve ser atacado destrutivamente. Ele chama o ataque e, como tentei mostrar, a frase infeliz* de Joan Rivière na sua introdução, em todos os outros aspectos excelente, coloca a questão exatamente nas palavras que podem ser utilizadas por pessoas que não são necessariamente inimigas das tuas idéias, mas que são inimigas de sistemas. A frase de Joan Rivière, que eu acredito que você mesma não veja com bons olhos, dá a impressão de que existe um quebra-cabeças do qual constam todas as peças; o trabalho a ser feito consiste apenas em juntá-las.

O ponto é que uma compreensão mais abrangente, como a que você pôde nos trazer por meio de teu trabalho, não nos conduza a um estreitamento do campo de investigação. Como você sabe, no trabalho científico, todo avanço conquista um novo patamar do qual pode ser percebida uma extensão mais ampla do desconhecido. Teu trabalho nos fez ver que futuramente as insanidades poderão ser compreendidas em termos basicamente psicológicos. Não é nenhuma vergonha que a Psicanálise, mesmo representada por seu expoente máximo, no caso você, não possa fornecer um relato claro do por que uma criança faz xixi na cama ou do por que fumamos; que a Psicologia da delinquência ainda

não tenha sido apreendida na Sociedade por que faltam as pistas principais; e que você escolha cuidadosamente seus pacientes, tanto para fins didáticos como para trabalho terapêutico.

Aqueles que conhecem profundamente seu trabalho têm, no entanto, suas fraquezas; incluindo suicídios.

Além disso, eu diria que um livro como o de Adrian Stokes* mostra que ainda não é muito seguro fazer a análise de um poeta. A Psicologia da Criação Artística, e conseqüentemente da criatividade que inspira a vida em geral, não foi totalmente abarcada, ainda que se estude toda sua obra e a daqueles que se propõem a explicá-la. Tudo isso é um grande estímulo, e qualquer um que tenha idéias é bem-vindo, e acredito que sempre toleraremos uma afirmação inicial expressa em termos pessoais. A afirmação inicial é freqüentemente feita com grandes custos e, por algum tempo, seu autor, homem ou mulher, permanece num estado sensível, já que está pessoalmente envolvido (a).

Um artigo recente de Rowley**, com o uso que ele faz da palavra *colusion*, contém um trabalho original que pode murchar com o tipo de tratamento que lhe foi conferido por Paula Heimann. Felizmente há outros que podem ver que ele é uma pessoa sincera e criativa, que no presente momento expressa-se numa linguagem própria, embora utilizando palavras que ainda chegaremos a compreender.

Há um outro ponto. Sinto que você está tão rodeada por aqueles que gostam de você, valorizam seu trabalho e tentam colocá-lo em prática, que é possível que você tenha perdido o contato com outros que estão fazendo um bom trabalho, mas que não tiveram a oportunidade de estar sob sua influência. Eu teria mencionado isso naquela noite em que estivemos em sua casa com os Stracheys, não fosse pelo fato de Eric e July*** estarem presentes. Quando você tomou por princípio que é impossível que D. possa fazer um bom trabalho de análise com E., senti que você estava cometendo um grande erro. Strachey é demasiadamente educado, e de qualquer forma muito lento, para levar adiante essa questão com você, mas ele sabe tão bem quanto eu que D. é capaz de ser um bom analista. É verdade que serão cometidos alguns erros, e que muito ficará sem ser feito; mas no entanto será dada uma oportunidade para esse homem de ser criativo num *setting* regular, e ele poderá se desenvolver de uma forma como não lhe seria possível sem análise. Acho que, para alguns pacientes que procuram os "entusiastas kleinianos" para análise, não é realmente permitido crescer ou criar na análise, e não me baseio em fantasias soltas, mas estou trazendo essa questão para ser considerada com seriedade. Acredito que a idéia expressa em meu artigo, independentemente do quanto impropriamente isso foi feito, vai na direção de enfatizar mais uma vez, para aqueles que utilizam seus conceitos, suas idéias e sua técnica, que não se esqueçam de algo que é desastroso deixar de fora.

* "Smooth and Rough" (1951), em *The Critical Writings of Adrian Stokes, II* (Londres, Thames and Hudson, 1978).
 ** J. L. Rowley, um Membro da Sociedade Britânica.
 *** O filho e a nora de Melanie Klein.

Sei que nada disso que estou criticando acontece em tuas análises. Não tenho nenhuma dificuldade de dizer, a quem quer que seja, do fundo do meu coração, que você é a melhor analista, como também a mais criativa no movimento analítico. O que você não conhece, entretanto, é a oposição ao kleinianismo, que eu pensava ser apenas uma invenção de [Edward] Glover, mas que agora tenho que admitir que existe, e é uma barreira ao desenvolvimento do pensamento científico na Sociedade, como foi o darwinismo para o desenvolvimento da biologia, desenvolvimento esse tão imensamente estimulado pelo próprio trabalho de Darwin. Suponho que esse é um fenômeno que se repete, e devemos esperar que se repita toda vez que aparecer um pensador original verdadeiramente grande; surge um "ismo" que se torna um inconveniente.

Estou escrevendo tudo isso para mostrar por que sinto uma dificuldade real de escrever um capítulo para teu livro, embora eu o desejasse ardentemente. Essa questão que estou discutindo toca a verdadeira raiz da minha dificuldade pessoal, de forma que pode ser desprezada por você com "a doença do Winnicott". Mas se você a desprezar dessa forma, pode perder algo que no final pode vir a ser uma contribuição positiva. Minha "doença" é algo com que posso lidar da minha própria forma, e não se distancia muito da dificuldade inerente ao contato humano com a realidade externa.

D. W. Winnicott

Tradução de Cláudia Bacchi (psicóloga).

© Gentilmente cedido pela Harvard University Press e pelo Winnicott Trust.